

# Laços e Desenlaces na Literatura

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)



**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# Laços e Desenlaces na Literatura

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L144	Laços e desenlaces na literatura [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-496-2 DOI 10.22533/at.ed.962192407  1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Teoria literária. I. Sousa, Ivan Vale de.  CDD 801.95
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Qual seria a necessidade de ensinar literatura na atualidade? Por onde começar o processo de reflexão literária na escola? De que forma? Por que propor uma educação literária urgente?

As respostas para estas questões que abrem a apresentação desta coletânea podem ser encontradas nos vinte e sete capítulos que dão forma à obra, visto que todas as reflexões partem de diferentes concepções, embora tenham um único propósito: orientar o processo de formação dos leitores nas diversas trajetórias da narração. Assim, serão apresentados os sentidos que cada um dos trabalhos traz para o processo de formação dos leitores.

No primeiro capítulo são relatados os resultados da implementação de uma sequência didática realizada com estudantes do sexto ano do ensino fundamental. No segundo capítulo o autor problematiza as questões de ensino e aprendizagem de literatura na contemporaneidade, seu espaço na sala de aula e propõe a realização de uma oficina de leitura literária com a finalidade de contribuir na ampliação dos perfis de leitores. No terceiro capítulo a literatura e a cultura são utilizadas nas aulas de língua estrangeira como sendo uma das muitas possibilidades de ensino.

No quarto capítulo são problematizadas as questões do gênero fantástico na arquitetura. No quinto capítulo, além de relatar e inspira outros docentes dos anos finais do ensino fundamental quanto ao uso do livro-jogo em sala de aula. No sexto capítulo discute-se a ideia de nação e identidade em uma abordagem comparativa.

No sétimo capítulo há a problematização do quanto há de retórico e estético na inclusão das evidências históricas no código linguístico narrativo e isso permite problematizar a estabilidade do conhecimento histórico. No oitavo capítulo parte-se de uma análise das representações do sertão na obra poética *Inspiração Nordestina*, de Patativa do Assaré. No nono capítulo há o apontamento das relações entre cinema, psicanálise e literatura na análise de *Blade Runner e Inteligência Artificial* enlaçadas em Philip K. Dick e Brian Aldiss Freud com *A interpretação dos sonhos* e Lacan com seus estudos acerca do desejo.

No décimo capítulo analisam-se, comparativamente, aspectos da obra *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato e do romance *Malhadinha*, do escritor piauiense José Expedito Rêgo, sobretudo quanto ao ponto de intersecção temática. No décimo primeiro capítulo é feita uma análise sincrônica da ciberpoesia do web-poeta português Antero de Alda e o estilo Barroco, considerado como a primeira manifestação literária, genuinamente, brasileira. No décimo segundo capítulo analisam-se os poemas de José Craveirinha, poeta Moçambicano a partir da teoria da narrativa de viagens por Buesco, 2005, em que trata como a problemática da viagem tem sido fundamentalmente discutida nos estudos literários, apresentando como a imagem poética constrói-se pelo viés da linguagem.

No décimo terceiro capítulo aponta-se como memória individual e coletiva

exerce influência para construir uma identidade cultural e, por último, uma identidade nacional. No décimo quarto capítulo problematiza-se e compara-se a composição dos elementos do gênero fantástico nas obras *Aura*, de Carlos Fuentes e *A outra volta do parafuso*, de Henry James, levando-se em conta a utilização de aspectos atribuídos tradicionalmente ao imaginário feminino na tessitura dos contos. No décimo quinto capítulo discute-se as condições da representação feminina a partir do gênero carta.

No décimo sexto capítulo demonstra-se o erotismo nas principais personagens femininas da obra *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez. No décimo sétimo capítulo expõe-se uma investigação do *Teatro da Crueldade*, de Antonin Artaud em diálogo com o pensamento nietzschiano acerca do *Trágico* que, por sua vez, reafirma-se com e na presença do deus Dioniso. No décimo oitavo capítulo recuperam-se alguns momentos da história do naturalismo no teatro português, entre 1870 e 1910 trazendo para discussão autores, peças, críticos e teóricos coevos.

No décimo nono capítulo analisa-se como o autor Abdias Neves constrói a cenografia e se posiciona mediante suas produções discursivas literárias na obra *Um manicaca*, 1985. Além disso, nos estudos da Análise do Discurso Literário, o posicionamento do autor é marcado por uma tomada de posição e uma ancoragem em um espaço conflitualístico. No vigésimo capítulo são expostos detalhes dos elementos poéticos que foram o fio condutor do experimento cênico evidenciando uma interação direta com o espaço e as reminiscências que surgem quando o movimento do texto no corpo instaura conexões com memórias coletivas e individuais. No vigésimo primeiro capítulo realiza-se uma abordagem da relação Literatura e Vida Social em *Selva Trágica*, 1959, constituindo-se um testemunho de época, a História dos ervateiros do Mato Grosso e da fronteira Oeste do Brasil, propondo uma interpretação ficcional da possível História dos trabalhadores da Companhia Matte Larangeira.

No vigésimo segundo capítulo aborda-se um pouco da vida de Stanislaw Ignacy Witkiewicz - o Witkacy (1885-1939) e também da sua “teoria da Forma Pura”. No vigésimo terceiro capítulo investigam-se as relações estabelecidas e os sentidos engendrados entre o conto *Entre santos*, 1896, de Machado e o *Diálogo dos mortos*, de Luciano. No vigésimo quarto capítulo analisa-se um dos contos mais emblemáticos de Lawrence, *O Oficial Prussiano*, no que diz respeito à homoafetividade reprimida de dois personagens da trama, *Herr Hauptmann*, um oficial e um jovem soldado sob seu comando, Schöner, que só conseguem exprimir seus desejos por meio da violência física e psicológica.

No vigésimo quinto capítulo investigam-se as diferenças existentes entre o enredo do romance *Um estudo em vermelho*, de Arthur Conan Doyle e da adaptação da obra para o primeiro episódio da série de TV Sherlock (BBC), intitulado “Um estudo em rosa”. No vigésimo sexto capítulo relata-se e analisa-se uma experiência poético-sociológica desenvolvida na disciplina Sociologia para o Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos, em duas escolas públicas da cidade de Sertãozinho,

São Paulo. E, por fim, no vigésimo sétimo capítulo abordam-se as formas de resistência da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis em uma de suas obras poéticas.

Com a leitura de todos os vinte sete capítulos apresentados e organizados nesta coletânea algumas respostas serão produzidas às questões que deram as boas-vindas aos leitores desta coleção, pois somente assim é que será possível compreender os laces e desenlaces da leitura literária na formação de leitores.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
FORMAÇÃO DO ALUNO-LEITOR: UMA PROPOSTA VIÁVEL	
Camila Augusta Valcanover	
Elisa Maria Dalla-Bona	
DOI 10.22533/at.ed.9621924071	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
ENSINAR E APRENDER LITERATURA HOJE	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.9621924072	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
LITERATURA E CULTURA NAS CLASSES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Melina Xavier de Sá Morais	
DOI 10.22533/at.ed.9621924073	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
A (DES)CLASSIFICAÇÃO DO GÊNERO FANTÁSTICO NA ARQUITETURA	
Aline Stefania Zim	
DOI 10.22533/at.ed.9621924074	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
A APLICAÇÃO DO “LIVRO-JOGO” EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Pedro Panhoca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9621924075	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>51</b>
A IDEIA DE NAÇÃO E IDENTIDADE AMERÍNDIA EM <i>MAÍRA E O RASTRO DO JAGUAR</i>	
Cíntia Paula Andrade de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.9621924076	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>59</b>
A RETÓRICA DA EVIDÊNCIA	
Henrique Carvalho Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.9621924077	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>66</b>
AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO EM <i>INSPIRAÇÃO NORDESTINA</i> DE PATATIVA DO ASSARÉ	
Ernane de Jesus Pacheco Araujo	
Silvana Maria Pantoja dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9621924078	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>77</b>
<i>BLADE RUNNER</i> E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: INTELIGÊNCIA LIBIDINAL E A LITERATURA DE FICÇÃO	
Roseli Gimenes	
DOI 10.22533/at.ed.9621924079	



<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>89</b>
DECADÊNCIA: UM PONTO DE INTERSECÇÃO ENTRE <i>CIDADES MORTAS</i> DE MONTEIRO LOBATO E <i>MALHADINHA</i> DE JOSÉ EXPEDITO RÉGO	
Elimar Barbosa de Barros	
José Wanderson Lima Torres	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>103</b>
ECOS DO BARROCO NA CIBERPOESIA CONTEMPORÂNEA DE ANTERO DE ALDA	
Bruna Messias de Oliveira	
Hevellyn Cristine Rodrigues Ganzaroli	
Leonardo José Rodrigues	
Nádia Vieira Simão	
Pâmela Natiele Pereira Bispo	
Viviane Ellen Araújo Pereira	
Débora Cristina Santos e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>111</b>
ENTRE POESIA, VIAGEM E ESPAÇOS: REFLEXÕES SOBRE A POESIA DE JOSÉ CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes	
Marinei Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>123</b>
MEMÓRIA, IDENTIDADE E NACIONALISMO ÉTNICO E CÍVICO EM NARRATIVE OF THE LIFE OF FREDERICK DOUGLASS, AN AMERICAN SLAVE, WRITTEN BY HIMSELF	
Nilson Macêdo Mendes Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>134</b>
FASCÍNIO E TERROR: AS FIGURAS FEMININAS EM <i>AURA</i> DE CARLOS FUENTES E <i>A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO</i> DE HENRY JAMES	
Danielli de Cassia Morelli Pedrosa	
Ana Lúcia Trevisan	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>145</b>
RECEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA EM: <i>RESPOSTA A SÓROR FILOTEA DE LA CRUZ</i>	
Margareth Torres de Alencar Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>151</b>
O EROTISMO NAS PERSONAGENS FEMININAS EM <i>CIEN AÑOS DE SOLEDAD</i> , DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ	
Margareth Torres de Alencar Costa	
Thiago de Sousa Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240716</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>160</b>
A POTÊNCIA TRÁGICA-DIONISÍACA NO TEATRO DA CRUELDADE DE ANTONIN ARTAUD	
<a href="#">Rodrigo Peixoto Barbara</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>171</b>
O TEATRO NATURALISTA EM PORTUGAL (1870-1910)	
<a href="#">Claudia Barbieri Masseran</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>181</b>
A CENOGRAFIA E O POSICIONAMENTO DO AUTOR NO DISCURSO LITERÁRIO DE <i>UM MANICACA</i>	
<a href="#">Érica Patricia Barros de Assunção</a>	
<a href="#">João Benvindo de Moura</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>192</b>
CONVERSAS DE UM POETA COLECIONADOR: A TRANSPOSIÇÃO DA LITERATURA BENJAMINIANA EM DRAMATURGIA PARA O MONÓLOGO “HAVERES DA INFÂNCIA; UM POETA COLECIONADOR”	
<a href="#">Erika Camila Pereira dos Santos</a>	
<a href="#">Cláudio Guilarduci</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>203</b>
OS ERVAIS DE SELVA TRÁGICA: UMA VIA DE MÃO ÚNICA – DEGRADAÇÃO E MORTE	
<a href="#">Jesuino Arvelino Pinto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240721</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>213</b>
STANISLAW IGNACY WITKIEWICZ – A FORMA PURA E O ÊXTASE MÍSTICO PELA ARTE	
<a href="#">Andrea Carla de Miranda Pita</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240722</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>221</b>
UM DIÁLOGO DOS MORTOS À BRASILEIRA	
<a href="#">Iasmim Santos Ferreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240723</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>232</b>
A VIOLÊNCIA E A HOMOAFETIVIDADE REPRIMIDA NO CONTO <i>O OFICIAL PRUSSIANO</i> , DE D. H. LAWRENCE	
<a href="#">Iêda Carvalhêdo Barbosa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240724</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>241</b>
<i>UM ESTUDO EM VERMELHO</i> VERSUS “UM ESTUDO EM ROSA”: ARTHUR CONAN DOYLE E UMA ADAPTAÇÃO TELEVISIVA	
<a href="#">Maria Luand Bezerra Campelo</a>	
<a href="#">Vanessa de Carvalho Santos</a>	
<a href="#">Wander Nunes Frota</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240725</b>	

<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>251</b>
“O IMPORTANTE PARA O TRABALHADOR É SABER DO SEU VALOR”: ESCRITAS DE SI COMO INSTRUMENTOS DE RESSIGNIFICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE ESTUDANTES- TRABALHADORES	
<a href="#">Patricia Horta</a> <a href="#">Livia Bocalon Pires de Moraes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240726</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>263</b>
“CANTA, POETA, A LIBERDADE, - CANTA”: A VOZ POÉTICA AFRO-BRASILEIRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS	
<a href="#">Juliana Carvalho de Araujo de Barros</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240727</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>270</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>271</b>

## A CENOGRAFIA E O POSICIONAMENTO DO AUTOR NO DISCURSO LITERÁRIO DE *UM MANICACA*

**Érica Patricia Barros de Assunção**

(UFPI)

ericapba@yahoo.com.br

**João Benvindo de Moura**

(UFPI)

jbenvindo@ufpi.edu.br

**RESUMO:** Este estudo propõe-se a analisar como o autor Abdias Neves constrói a cenografia e se posiciona mediante suas produções discursivas literárias na obra *Um manicaca* (1985). Nos estudos da Análise do Discurso Literário, o Posicionamento do autor é marcado por uma tomada de posição e uma ancoragem num espaço conflitual. Através do posicionamento no percurso da esfera literária, o autor constrói sua identidade enunciativa que qualifica sua autoridade de enunciador. A cenografia, por sua vez, é uma das situações enunciativas que compõe a cena de enunciação e se responsabiliza pela legitimação do texto literário, pois é por meio da mesma que a enunciação se desdobra. O contexto do cenário literário comanda a construção da cenografia da obra que estabelece relação com a definição do posicionamento do autor nesse cenário. Tratando-se de um estudo de natureza qualitativa e interpretativa, buscamos fundamentação nas contribuições teóricas de Dominique Maingueneau. A análise do

discurso literário da obra nos mostra que o autor se posiciona no eixo literário realista-naturalista no cenário literário brasileiro e esse posicionamento não é indissociável do contexto social em que está inserido o autor, que defende as ideias cientificistas predominantes nesse cenário. A cenografia da obra é construída com base no contexto sócio-histórico da cidade de Teresina no final do século XIX e é influenciada pelo posicionamento idealista do realismo-naturalismo. A trama do romance é desenrolada tendo como pano de fundo a cidade que, na visão do autor, está estagnada social e intelectualmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso literário. Cenografia. Posicionamento.

### INTRODUÇÃO

A intersecção entre os estudos linguísticos e literários não é um fenômeno recente. O filósofo russo Mikhail Bakhtin, ao desenvolver os seus estudos sobre a linguagem no início do século XX, estabeleceu essa ponte ao fazer a distinção entre gêneros primários e secundários. Essa divisão originou-se de diálogos entre teorias relacionadas ao marxismo, ao formalismo e à filosofia, fazendo surgir uma importante metodologia de abordagem dos gêneros literários na sua

inter-relação com o conjunto da cultura e com as diversas esferas da ideologia no cotidiano.

Enquanto expressão maior da linguagem, a literatura carrega dentro de si discursos diversos construídos a partir de estratégias narrativas, enunciativas e retóricas bem traçadas, revelando os aspectos sociais, culturais e ideológicos de determinados grupos sociais num momento histórico específico. Se levarmos em conta o discurso literário, poderemos observar como todos esses aspectos estão materializados através da linguagem. Quais enunciados, sintagmas, expressões, universo vocabular etc. produzem sentidos que vão além dos valores semânticos preestabelecidos pela língua? De que forma podemos construir linguisticamente as imagens dos personagens envolvidos nas tramas literárias? Como se estrutura essa narrativa? Quais os aspectos ideológicos que permeiam a enunciação engendrada pelos autores?

A obra literária possui um discurso constituinte sólido com regras próprias inseridas em épocas e estilos determinados, revelando um talento na captação das ideias e dos conflitos da humanidade. A arte literária é considerada uma linguagem livre, pois não está sujeita às estruturas linguísticas da língua, sendo criação artística, exerce poder, representação e significado que são observados pela Análise do Discurso Literário no intuito de amplificar a visão sobre a literatura (MELLO, 2005).

Em trabalhos anteriores (ASSUNÇÃO, 2018; ASSUNÇÃO & MOURA, 2018, 2017a, 2017b, 2015), afirmamos que a Análise do Discurso Literário estuda como as teorias do discurso podem ser aplicadas à literatura, no intuito de oferecer pontos de vista que viabilizam explorar e entender de forma esclarecedora a obra literária a partir de ferramentas discursivas. Ainda em Moura & Mello (2018) e Moura & Vieira (2018), observamos que a produção discursiva inserida numa obra literária não pode ser vista como ingênua e totalmente desassociada de um contexto social e de um posicionamento estilístico e ideológico.

Diante disso, consideramos que a construção da cenografia da obra literária pode nos ajudar a compreender melhor a tomada de posição do autor, já que a mesma é a situação de enunciação representante do espaço da fala que é constituído de forma antecipada para que o autor possa, através dela, desenrolar e legitimar seus enunciados discursivos literários.

No bojo dessa discussão, este artigo tem como objetivo analisar o discurso literário de *Um manicaca* (1985), do escritor piauiense Abdias Neves, buscando realizar um estudo de como se dá a construção da cenografia da obra e como o autor se posiciona mediante suas produções discursivas literárias.

O autor Adias Neves constrói a cenografia da obra ancorado no contexto sócio-intelectual no qual está inserida a sociedade teresinense do final do século XIX que permite, como situação de enunciação, a produção de seus enunciados discursivos de acordo com um posicionamento guiado pelas ideologias e ideias que são bases estruturais da escola literária realista-naturalista, especialmente, o anticlericalismo.

## O DISCURSO LITERÁRIO

A análise do discurso literário é considerada uma linha originada da análise do discurso que, no âmbito da linguagem, possui ferramentas competentes para possibilitar uma melhor assimilação da produção literária. Os avanços teóricos na área da AD contribuíram para o desenvolvimento dos estudos das relações entre discurso e literatura:

As teorias da enunciação linguística, as múltiplas correntes da pragmática e da análise do discurso, o desenvolvimento do campo literário de trabalhos que recorrem a Bakhtin, à retórica, à teoria da recepção, à intertextualidade, à sociocrítica etc., impuseram progressivamente uma nova apreensão de fato literário na qual o dito e o dizer, o texto e o contexto, são indissociáveis (MAINGUENEAU, 2006, p. 7).

A análise do discurso considera o fato de que a instituição literária não pode ser dissociada da enunciação que por sua vez alega seu espaço próprio, apontando que o discurso não se fecha no “propósito” e carrega um posicionamento. Segundo estudiosos, ainda há certa polêmica no fato de a AD manter relações tão estreitas com a literatura e de a Análise do Discurso Literário representar a proposta de “transpor o que seria a existência de uma fronteira entre a Literatura e a Linguística” (MELLO, 2005, p. 31).

Maingueneau (2006) ressalta que o discurso literário não busca seu próprio fundamento, pois não tem intenção de refletir sobre suas bases fundadoras, entretanto a narrativa do discurso literário é considerada como um elemento pelo qual se estabelece a legitimação da cena de enunciação. O discurso literário ao mesmo tempo em que busca um espaço para sua legitimação, não pode ser desassociado do contexto social, do quadro da época que é retratado na escrita. A literatura estabelece seu significado na forma do seu conteúdo como forma de constituição.

O discurso literário, como discurso constituinte, possui sua própria fonte legitimadora. Para isso, entendemos a constituição como processo pelo qual o discurso estabelece sua legitimidade e estabelece sua organização estrutural como texto. O texto literário é responsável pelas condições que levarão a sua legitimidade através da gama universal de sentidos emanados por ele:

No sentido que lhe atribuímos, o discurso literário não é isolado, ainda que tenha sua especificidade: ele participa de um plano determinado da produção verbal, o dos *discursos* constituintes, categoria que permite melhor apreender as relações entre literatura e filosofia, literatura e religião, literatura e mito, literatura e ciência. A expressão “discurso constituinte” designa fundamentalmente os discursos que se propõe como discursos de Origem, validados por uma cena de enunciação que autoriza a si mesma. (...) Os discursos constituintes são discursos que conferem sentido aos atos da coletividade, sendo em verdade os garantes de múltiplos gêneros do discurso. (MAINGUENEAU, 2006, p. 60 e 61).

O discurso literário está incluído em determinado campo da produção verbal e dá significado aos atos da coletividade através de uma inseparável imbricação entre texto e enunciação. A análise do mesmo dá-se a partir da variação do posicionamento

do produtor do discurso que representa a relação entre sociedade e texto.

A análise do discurso, no campo literário, visa “explorar as múltiplas dimensões da discursividade, buscando precisamente explicar a um só tempo a unidade e a irreduzível diversidade das manifestações do discurso” (MAINGUENEAU, 2006, p. 38). Considerando que não há discursos puros, o discurso literário interage com outros gêneros do discurso e isso não envolve só o autor literário, mas uma gama de fatores sociodiscursivos, sendo que o posicionamento indica a função do determinado discurso constituinte.

## A CENOGRAFIA E O POSICIONAMENTO DO AUTOR

Ao tomarmos a produção literária como enunciação, obteremos a cena de enunciação que, segundo Maingueneau (2006), é o processo de comunicação “do interior” por meio da condição de fala e o quadro em que ela se desdobra. Para o autor, o texto literário é o vestígio de um discurso no qual a fala é encenada. A cena de enunciação inclui a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. Em nossos estudos, nos concentraremos na cenografia.

A situação enunciativa que legitima o texto literário é a Cenografia, é através dela que a enunciação se desdobra, pois a mesma determina as condições de enunciador e co-enunciador, de cronografia e de topografia na obra literária, que são o foco dessa situação enunciativa. A cenografia, por sua vez, é comandada pelo cenário literário que é responsável pelo contexto no qual se delimita a posição de escritor e de público leitor:

A cenografia se mostra, por definição, para além de toda cena de fala que seja dita texto. A noção de “cenografia” adiciona ao caráter teatral de “cena” a dimensão da *grafia*. Essa “-grafia” não remete a uma oposição empírica entre suporte oral e suporte gráfico, mas a um processo fundador, à inscrição legitimadora de um texto, em sua dupla relação com a memória de uma enunciação que se situa na filiação de outras enunciações e que reivindica um certo tipo de reemprego (MAINGUENEAU, 2006, p. 252 e 253).

A Cenografia é a situação enunciativa responsável pela construção da cena narrativa através do texto literário permitindo ao mesmo o alcance de sua legitimidade, ou seja, é a “cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que em troca ele precisa validar através de sua própria enunciação” (MAINGUENEAU, 2006, p. 253). Portanto, a cenografia é ao mesmo tempo, a condição e o produto da obra, como também está inserida nela.

A relação estabelecida entre mundo e obra literária, e esta ao ser considerada como enunciado exige uma situação enunciativa, é concebida através da construção da cenografia que irá apresentar um contexto no qual o autor se posicionará ao construir essa cena narrativa literária produzida por criador inserido num determinado tempo e espaço. Assim consideramos que:

Afinal, qualquer obra por seu próprio desdobramento, *pretende* instituir a



situação, que a torna pertinente. O romance “realista” não é apenas “realista” por seu conteúdo, mas também pela maneira como institui a situação de enunciação narrativa que o torna “realista” (MAINGUENEAU, 2001, p. 122).

Contudo, a cenografia não pode ser vista como um simples procedimento, pois não se trata da reprodução de um contexto, mas sim de ir além desse contexto, de ultrapassar esse contexto, traçando assim o enlaçamento enunciativo da obra por meio do que é dito a respeito da representação de um mundo que justifica, assim, a construção da cena narrativa.

Desta forma, a cenografia permite estabelecer como se dará a relação da obra literária com a sociedade e a legitimação da mesma nessa sociedade, pois “o público não consome apenas uma história, inscreve-se no cenário que, proporcionando essa história, atribui-lhe um lugar imaginário” (MAINGUENEAU, 2001, p. 135). Ela está intrinsecamente ligada ao conteúdo enunciativo da obra e a conjuntura histórica na qual está inserida, configurando, desta forma, um ponto de articulação entre o objeto estético, a obra em si, a sociedade e as condições de produção do escritor.

Segundo Galinari (2005), o autor é aquele que “*responde por ou se apropria de*”, o “responsável pela enunciação” numa dada circunstância, aquele que detém e transmite os significados, que se encontra numa condição “parasitária” e “para-literária” em que se dedica à arte criativa da escrita, ativando o contrato de comunicação aceito através da leitura e reivindicando para si autorialidade.

Considerando o posicionamento do autor, Maingueneau (2001) afirma que o ato de “posicionar-se” está relacionado à atitude do autor em colocar-se diante de um determinado espaço no percurso da esfera literária em que, de acordo com sua produção, está inserido. A “posição” envolve uma “tomada de posição” e uma “ancoragem num espaço conflitual” que não pode ser indissociável da existência social do autor.

O posicionamento do autor está na enunciação, é através desta que é definida a sua posição que ocupa no campo literário-filosófico. O posicionamento é a formação da identidade enunciativa que representa uma determinada estética literária e a qualificação da autoridade do enunciador:

O discurso literário não tem território próprio: toda obra é *a priori* dividida entre o fechamento sobre o *corpus*, reconhecido como plenamente literário, e a abertura à multiplicidade das práticas languageiras que excedem esse *corpus*. A delimitação do que seria ou não literatura depende de cada posicionamento e de cada gênero no interior de um certo regime da produção discursiva (MAINGUENEAU, 2005, p. 21).

Ao produzir, o autor se mostra ao público leitor em busca de sua legitimidade e isto se realizará através do seu posicionamento dentro do campo literário, pois a noção de posicionamento implica traçar percursos a serem seguidos que se dará pela confrontação com outros posicionamentos existentes. O posicionamento é necessário para que o autor possa obter a “autoridade enunciativa” e construa sua identidade autoral.



A determinação de que uma dada obra literária se encaixe dentro de um certo gênero é estabelecida dentro da esfera literária que detém uma “biblioteca imaginária” ou um “arquivo literário” com todas as obras cujos vestígios foram preservados. Essa posição do autor ao encaixar sua produção em determinado gênero marca sua escolha exclusiva, explica o porquê de ele escolher um dado gênero ao invés de outro:

Os escritores naturalistas, por exemplo, não escrevem romances de matéria contingente, seu posicionamento é, na verdade, indissociável do emprego desse gênero. É preciso, portanto, mais do que isolar as doutrinas (“o classicismo”, “o naturalismo” etc.), vinculá-las aos gêneros que elas investem. Mediante os gêneros que mobilizados e excluídos, um dado posicionamento indica qual é para o escritor o exercício legítimo da literatura ou de algum de seus setores (MAINGUENEAU, 2006, p. 168).

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa possui caráter qualitativo e interpretativo. Para a realização desse trabalho nós realizamos uma pesquisa bibliográfica e interpretativa que se apoia nas contribuições teóricas no campo da análise do discurso literário de Galinari (2005); Maingueneau (2001e 2009); e Renato de Mello (2005), que nos ajudaram a endossar a análise dos aspectos que contribuem para a construção da cenografia e que caracterizam o posicionamento do autor Abdias Neves através de suas produções discursivas na obra *Um manicaca* (1985).

Realizamos uma análise dos dados buscando identificar os elementos nos quais o autor se apoia para a construção da cenografia da obra de forma estratégica para a produção de seus enunciados e como o mesmo se posiciona mediante tais produções discursivas literárias que constituem a obra em questão.

## ANÁLISE DOS DADOS

A obra *Um manicaca* teve sua primeira edição publicada em 1909 e ambientada no contexto social da cidade de Teresina do final do século XIX. Este romance é considerado um romance documental, pois o autor descreve a cidade de Teresina, como cenário do seu enredo, assim como as práticas sociais da época.

A trama é marcada por um triângulo amoroso entre Júlia, seu esposo Antônio de Araújo e seu amante, Luís Borges. Júlia casa-se contra a vontade num casamento arranjado pelo pai, mas ao se tornar esposa, não aceita a vida que impuseram a ela, mantendo um relacionamento extraconjugal com um rapaz com o qual ela verdadeiramente desejara se casar. Ao final da trama, Júlia abandona o esposo fugindo da cidade com o seu amante. O título da obra, *Um manicaca*, deve-se a uma alcunha da época que recebiam os homens que não conseguiam dominar suas esposas e eram dominados por elas.

A obra é considerada o único romance produzido pelo autor, que também foi juiz, jornalista, professor, historiador e senador. O enredo da obra se baseia nas descrições de situações cotidianas e hábitos sociais praticados pela sociedade teresinense da época, carregadas de críticas do autor, sendo a cidade de Teresina a grande protagonista da obra. O autor traz um discurso predominantemente anticlerical e reflexões sobre a condição da mulher na sociedade da época, a situação política e econômica em que se encontra a cidade de Teresina, bem como o desenvolvimento da mesma.

No início do romance, o autor começa a descrever a cidade de Teresina que servirá como pano de fundo para o enredo da obra, descrições essas que vão ser recorrentes durante todo o romance. Ao iniciar as descrições, carregadas de suas impressões e críticas, o autor dá início, conseqüentemente à construção da cenografia da obra sobre a qual se desdobrarão os seus discursos literários e transparecerá o seu posicionamento literário-ideológico.

No trecho que segue, temos a descrição da cidade que começa com os aspectos físicos da cidade e vai até à organização social na qual a Igreja ainda detinha algum controle sob os comportamentos e a rotina dos cidadãos, iniciando assim, a construção da cena narrativa na qual o autor pretende organizar seus discursos, bem como explicitar o seu posicionamento ideológico característico da escola realista-naturalista literária. O autor nos apresenta o cenário da obra para o qual o co-enunciador é convidado a se transportar, especificando, assim, o tipo de ambiente no qual o leitor começa se imaginar inserido:

(...) As casas alvadias, alinhadas, semelhantes, tinham a aparência maravilhosa de monumentos telhados em blocos de mármore. E olhada à distância, a cidade surgia das sombras dos arvoredos, tão bonita, regular e bem feita, qual se um aquarelista a criara para um concurso de panoramas. A leste e ao sul, a igreja de São Benedito e a das Dores erguiam as torres escuras e silenciosas, como velhas ameias abandonadas de fortalezas em ruína. Ao poente, a matriz zumbia, fortemente iluminada, como para uma festa pagã de vinhos e mulheres.

Aqui e ali estavam lojas abertas e caixeiros derreados nos balcões, sem fazer nada, à espera do toque libertador das nove horas. Poderiam, então, ir tomar parte, também, das festas. Não em as do culto – que terminavam, a essa hora, com a retirada da Polícia; mas nas festas profanas dos botequins, onde a graça das prostitutas em moda cintilava até o amanhecer, na desenvoltura e nos entusiasmos de uma embriaguez sem fim (NEVES, 1985, p. 22 e 23).

Será predominante, ao longo de todo o romance, o discurso ideológico anticlerical do autor que marca a sua tomada de posição referente às ideias que serviram de base para a difusão da escola realista-naturalista literária no Brasil. O trecho a seguir mostra a crítica do autor à Igreja Católica que detinha o monopólio das manifestações religiosas em Teresina no final do século XIX e que ainda controlava de certa forma a vida da maioria das pessoas que ali residiam. O autor organiza um discurso no qual questiona as práticas dos padres no que diz respeito às vantagens lucrativas que a Igreja possuía sobre os fiéis, sendo parcial quando o assunto é

dinheiro:

A igreja é uma para o pobre e outra para o rico. Os ricos merecem tudo, o pobre nada. A questão é de dinheiro. Por que o padre não faz como cristo? Cristo jamais vendeu os seus sacramentos. (...) Jesus mandava fazer o bem ao inimigo e perdoar-lhe as ofensas: o padre persegue os que não lhe dão dinheiro, injuriosos do público e da imprensa (NEVES, 1985, p. 25).

No excerto abaixo, o autor nos remete a uma situação de miséria vivida pela população em tempos de seca nos anos iniciais da fundação da cidade. Podemos perceber que a descrição do ambiente faz parte do propósito discursivo do autor que critica como a corrupção política e as crenças religiosas agravam o quadro de miséria e atraso em que vivia a maioria da população:

Corria o ano de 1878 e a seca chegara ao período mais agudo (...) o governo imperial tomara providências enérgicas a fim de melhorar a situação do povo, mandando víveres que eram distribuídos pelos indigentes. As comissões encarregadas da distribuição, entretanto, exploravam a situação, tirando lucros imprevistos da miséria dos retirantes. A farinha, o milho e o arroz eram levados para a despensa dos abastados, enquanto os famintos recebiam insignificante ração diária, muita vez insuficiente para a alimentação da família crescida. (...) Uma noite, tendo-se demorado, mais, encontrou a mulher ardendo em febre. Foi incansável. Esgotou os últimos recursos. Três dias depois, no entanto, ela morria, sozinha, porque na ocasião, o cabeça-chata, diante de um oratório improvisado, dirigia súplicas fervorosas aos santos, pedindo a saúde da estremecida enferma (NEVES, 1985, p. 31 e 32).

O autor deixa claro o seu posicionamento literário-ideológico através da produção de seus discursos literários. No trecho abaixo, observamos que o autor defende a ideologia anticlerical ferrenhamente quando considera a religiosidade uma doença que dizimava a maioria da população. Além disso, considera a intolerância que a Igreja pregava para com as outras formas de crenças, desta forma, alienando os fiéis e provocando a estagnação intelectual da maioria deles, que não lia livros sobre outras temáticas e não pensavam por si só:

Entendia que a religiosidade é uma moléstia que se agravava e acaba por invadir todo o organismo, dominando-o, abatendo-o, lançando o doente para um misticismo que só adormece na adoração constante, nas sensações embriagadoras da música sagrada. O Zeca dizia horrores. Devia ser maçom.

(...) O imbecil não tem destas audácias. Sabe por instinto que sucumbiria à primeira campanha. Sente que é mais fácil, mais cômodo, mais rendoso, pensar como a maioria, deixar-se arrastar na onda, diluir-se na opinião geral, que pensar por sua conta, resistir à atração do número, trabalhar para sustentar opiniões próprias. O católico está, sempre, do melhor partido (NEVES, 1985, p. 43 e 59).

Quanto à figura da mulher, bastante explorada nos romances brasileiros, o discurso do autor é direcionado para a concepção de que o poder ideológico da Igreja é alimentado pelas mulheres que, segundo o autor, são mais suscetíveis a tornarem-se as fiéis mais cativas pelo tempo que dedicam à religião, desta forma, se ausentam do lar sendo displicentes para com suas responsabilidades domésticas e para com os cuidados com a família que são de sua responsabilidade. O autor

defende a liberdade intelectual da mulher, mas ainda sustentava a ideia de que a mulher era responsável pela organização da casa, que ela tinha o dever de cuidar dos filhos e do esposo, defendendo assim, o estereótipo da mulher que carrega o fardo do equilíbrio familiar e das obrigações domésticas que são impostas à figura feminina da época. Ele visava uma mulher livre das amarras das doutrinas católicas porque estas ameaçavam a execução de suas funções domésticas:

Afirmava que a religião da mulher é a família. Sustentava que, se que se desvela pelo culto da igreja, esquece suas obrigações domésticas. (...) Estendeu-se, muito, sobre a função da mulher na sociedade, disse que é ela quem elabora as reformas do futuro inspirando ao homem as grandes ideias de emancipação e de justiça...Terminou fazendo a apoteose da mulher de amanhã, “livre de preconceitos, espírito lavado de superstições, esquecendo o padre para viver a vida da família, preparando os filhos para a luta”.

(...) - Ora, seu colega, quem dá vida à igreja é a mulher. O padre tem todo o interesse em fanatizá-la, arrastando-a para a confissão que a humilha e a entrega à discricção espiritual do seu diretor; detendo-a na igreja o mais que pode, porque os perfumes que ali queimam, a música enervante que ali se ouve, aquela meia-obscuridade entorpecem, pouco-a-pouco, a vontade mais dominadora, amolecem o caráter, fazendo de um temperamento impetuoso um temperamento frouxo; obscurecem, pouco-a-pouco, a razão, obstruindo a inteligência de milagres absurdos. (...) Você conhece pior inimigo do que uma mulher fanática? (NEVES, 1985, p. 43, 46, 50 e 59).

O discurso anticlerical indica a posição do autor contra a religiosidade católica predominante na sociedade teresinense, além disso, marca o posicionamento cientificista característico das produções literárias enquadradas na escola realista, mais ainda na escola naturalista. No trecho que segue, o discurso do autor denota a rivalidade entre ciência e religião que existia na época. O espaço limitado dado às novas ideias que estavam chegando da Europa devia-se ao fato de representarem uma ameaça à hegemonia religiosa em que se encontrava o catolicismo na cidade de Teresina, que para o autor, propiciava a estagnação sociointelectual da sociedade da época:

Tem, em último caso, um argumento irresistível: o milagre. Se a ciência o combate, pior para a ciência. O imbecil sente tudo isso instintivamente. (...) Entre a ciência e o milagre, a maioria é pelo milagre. É melhor ficar com a maioria. É melhor e, se não ficamos, é uma luta em que são legítimas todas as armas contra nós, porque é preciso desmoralizar essa ciência pretensiosa e reduzir o adversário à inatividade. Se não é reduzido, ao menos desmoralizado, a sua ação será menos temível. (NEVES, 1985, p. 59).

Neste romance, portanto, o autor critica a estagnação social e intelectual em que se encontrava a cidade de Teresina e procura difundir as ideias cientificistas que permeavam o Realismo-Naturalismo literário no Brasil, principalmente o anticlericalismo. O enredo é desenrolado sobre a cenografia constituída de descrições de situações cotidianas e hábitos sociais praticados pela sociedade teresinense que eram guiados pela religiosidade marcante na organização social da cidade, sendo a cidade de Teresina a grande protagonista da obra.

O autor traz um discurso predominantemente anticlerical através do qual expõe as ideias que norteiam e embasam as críticas às práticas religiosas católicas, bem como o fanatismo e alienação que a mesma sustentava, deixando a sociedade estagnada sócio e intelectualmente, prejudicando assim, o desenvolvimento da cidade. Entretanto, mesmo tendo o foco na liberdade intelectual e de crença, o autor ainda defendia na época, o estereótipo da mulher que tinha de ser livre para pensar, mas devia cumprir suas obrigações acarretadas pelos padrões sociais da época, de mãe, esposa e dona de casa que estavam sendo ameaçados pela dedicação à Igreja.

O posicionamento do autor é marcado pelas ideias da escola literária realista-naturalista e projetado através da construção da cenografia da obra que possibilita que o co-enunciador antevêja a tipologia do ambiente em que os discursos literários serão desenvolvidos e corroborarão com os propósitos discursivos do autor que, por sua vez, são liderados pela tomada de posição literário-ideológica do autor. Esse posicionamento acentua também a oposição necessária, feita pelo autor dentro da obra, ao Romantismo literário no qual havia o predomínio da difusão religiosa, bem como a outros aspectos característicos divergentes que são alvos de contestações embasadas pelas ideias científicas do realismo-naturalismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente análise do discurso literário do escritor Abdias Neves em sua obra *Um manicaca* (1985), possibilitou-nos averiguar que o autor organiza seus discursos em função de uma crítica a estagnação social e intelectual em que se encontrava a sociedade teresinense, guiando-se pelas ideias científicas que permeavam o Realismo-Naturalismo literário no Brasil e que definem seu posicionamento na trajetória do percurso literário, opondo-se, assim, às ideias que marcaram o Romantismo literário.

O discurso literário do autor tem como foco a elucidação das origens das mazelas sociais atreladas às práticas religiosas católicas que acarretam no fanatismo e na alienação, privando os fiéis de pensar por si mesmos e questionar as injustiças sociais. Apesar disso, o autor em suas reflexões sobre a condição e o papel da mulher na sociedade teresinense, ainda defende o estereótipo da mulher ligada aos deveres para com a casa, o marido e os filhos que estavam ameaçados com a dedicação à Igreja. Ele visava uma liberdade parcial às mulheres que, para ele, mesmo no futuro ainda seriam sempre as responsáveis pela educação dos filhos e equilíbrio familiar, conseqüentemente, pelo futuro da nação.

De acordo com os postulados teóricos que embasam esta pesquisa, concluímos que a construção da cenografia da obra é realizada com base no contexto sociocultural da cidade de Teresina no final do século XIX e que a mesma está intrinsecamente

relacionada com o posicionamento do autor em suas produções discursivas pautado no cenário literário e em ideias que caracterizam o movimento literário realista–naturalista brasileiro, sobretudo, o anticlericalismo.

## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Érica Patrícia Barros; MOURA, João Benvindo de. A construção de sentidos no discurso literário: a paratopia numa perspectiva de interface. **Letras em Revista (PPGL/UESPI)**, v. 8, p. 437-450, 2018a. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/41>

ASSUNÇÃO, Érica Patrícia Barros de. **A paratopia criadora e o ethos de Abdias Neves**: análise do discurso literário de um autor marginal em *Um manicaca*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, UFPI, Teresina – PI, 2018.

ASSUNÇÃO, Érica Patrícia Barros; MOURA, João Benvindo de. O paradoxo do autor: a paratopia criadora de Mário de Andrade no discurso literário de *Macunaíma*. **Revista Desenredo (PPGL/UPF)**, v. 13, p. 166-186, 2017a. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/6821>

ASSUNÇÃO, Érica Patrícia Barros de; MOURA, João Benvindo de. **O discurso literário na obra Júlio César, de Shakespeare**: disputa de sentidos num jogo de imagens. In: MOURA, João Benvindo de; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Maraisa (Org.). *Sentidos em disputa*: discursos em funcionamento. EDUFPI: Teresina, 2017b.

ASSUNÇÃO, Érica Patrícia Barros; MOURA, João Benvindo de. Análise do discurso literário: a paratopia do autor Abdias Neves no romance *Um manicaca*. In: MOURA, João Benvindo de; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Maraisa. **Discurso, memória e inclusão social**. Recife: Pipa Comunicação, 2015.

GALINARI, Melliandro Mendes. A autorialidade do discurso literário. In: MELLO, Renato de. **Análise do Discurso & Literatura**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. O discurso literário contra a literatura. In: MELLO, Renato de. **Análise do Discurso & Literatura**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**: enunciação, escritor, sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MELLO, Renato de. **Análise do Discurso & Literatura**: uma interface real. In: MELLO, Renato de. *Análise do Discurso & Literatura*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

NEVES, Abdias da Costa. **Um manicaca**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.

MOURA, João Benvindo de; MELLO, Renato de. As provas retóricas no discurso literário piauiense. In: LOPES, Maraisa; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; MOURA, João Benvindo de. **Linguagem, discurso e produção de sentidos**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

MOURA, João Benvindo de; VIEIRA, José Magno de Sousa. Paratopia: o discurso acerca do sujeito niilista alojado no subsolo de Dostoiévski. In: **Revista de Letras Norte@mentos (PPGL/UNEMAT)**, v. 11, p. 192-205, 2018. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/2627>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adaptação 241

Análise 6, 20, 181, 182, 183, 186, 191, 241

### B

Brasileira 5, 50, 102, 105, 169, 250, 263, 265

### C

Cenografia 181, 184

Cinema 82, 86, 87

Cultura 33, 76, 86, 87, 121, 132, 133, 150, 180, 250

### E

Educação de Jovens e Adultos 6, 251, 252, 253, 262

Ensino 6, 1, 2, 32, 43, 50, 66, 94, 102, 123, 251, 253, 262

Ensino Fundamental 1, 2, 43

Ensino Médio 6, 32, 251, 253, 262

Erotismo 151, 152, 159

Estético 150

Estudos 32, 105, 121, 174, 176, 180, 202

Experiência 194

### H

Homoafetividade 232

### I

Identidade 123, 132, 135

### L

Leitura literária 13

Linguagem 161, 169, 191

Literatura 2, 6, 11, 13, 14, 23, 32, 33, 41, 50, 58, 59, 75, 76, 77, 86, 89, 102, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 120, 121, 134, 136, 150, 183, 191, 203, 204, 240, 253, 254, 263, 265, 269

### M

Memória 123, 125, 132, 150, 194

Monteiro Lobato 5, 89, 90, 94, 95, 96, 99



## **N**

Naturalismo 171, 174, 180, 189, 190

## **O**

Obra 116, 117, 119, 121

Oficina 19

## **P**

Pensamento 106, 107, 193

Personagens 30, 151

Psicanálise 86, 87

## **Q**

Questões 102

## **R**

Romance 108, 171, 180

## **T**

Teatro português 171

Texto 9, 10, 24, 34, 77

## **V**

Vida 6, 160, 167, 203, 224

Violência 232



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-496-2



9 788572 474962